

# economia

## Aeroporto de Torres terá aporte de R\$ 9 milhões

Melhorias buscam tornar terminal atrativo para grandes companhias

### / AVIAÇÃO

O governador Eduardo Leite anunciou investimento de R\$ 9 milhões para melhorias no Aeroporto Regional de Torres, no Litoral Norte. Acompanhado de secretários de Estado e de lideranças da região, Leite vistoriou o terminal na sexta-feira. O governador informou que os recursos serão aplicados na infraestrutura do aeroporto, para que as companhias aéreas tenham interesse de utilizar o terminal como mais uma alternativa ao Aeroporto Salgado Filho, que segue fechado.

Atualmente, obras de recuperação da cobertura do terminal e do cercamento do aeroporto estão em andamento, com um custo de R\$ 2 milhões. Na contratação emergencial do Papi (sigla que, em português, significa Indicador de Percurso de Aproximação de Precisão) para assegurar a aproximação precisa das aeronaves durante pousos e decolagens, será investido mais R\$ 1,5 milhão.

O governo ainda iniciou processos para a aquisição de mobiliário e outros equipamentos, com valor previsto de R\$ 400 mil. Além disso, estima-se que serão investidos cerca de R\$ 5 milhões por ano na operação do aeropor-



PREFEITURA DE TORRES/DIVULGAÇÃO/JC

Atualmente, aeroporto no Litoral passa por obras de recuperação

to, incluindo a contratação de um operador, bombeiros e demais serviços necessários para o pleno funcionamento do terminal.

Na quinta-feira (27), Leite realizou uma série de reuniões, em São Paulo, com diretores de companhias aéreas que operam no Rio Grande do Sul. Ao lado do secretário da Reconstrução Gaúcha, Pedro Capeluppi, o governador conversou com representantes das empresas Azul, Latam e Gol para discutir alternativas que auxiliem na ampliação do número de voos.

Principal terminal do Estado, o Aeroporto Internacional Salga-

do Filho, administrado pela Fraport, está com atividades suspensas devido à enchente de maio. “Melhorar a conexão aérea é fundamental para o desenvolvimento do Estado, especialmente nessa situação emergencial que a gente está vivenciando. Recebemos informações que nos deixam com muito otimismo de que nos próximos dias, a gente tenha anúncios de novos voos para o Estado”, destacou Leite.

O governo calcula que o fechamento do Aeroporto Salgado Filho pode impactar o Produto Interno Bruto (PIB) do Rio Grande do Sul em 0,5% em 2024.

## Expansão do terminal é demanda antiga na região

Fernanda Crancio

fernanda.crancio@jornaldocomercio.com.br

Desde as enchentes que devastaram o Rio Grande do Sul, a busca por soluções que mitigassem o gargalo logístico e de transporte de passageiros com o fechamento do Aeroporto Salgado Filho, em Porto Alegre, passou também a dominar a pauta. A utilização de aeroportos regionais localizados em áreas estratégicas, como o de Caxias do Sul, na Serra, se consolidou como importante alternativa. No Litoral Norte, a possibilidade de ampliar a operação do Aeroporto de Torres chegou a ser debatida em reuniões entre governos do Estado e federal, empresários e a Associação dos Municípios do Litoral Norte (Amminorte).

A possibilidade de expansão do terminal, que não opera voos comerciais, foi demanda defen-

dida por gestores da região. No início de maio, em entrevista ao Jornal do Comércio, o prefeito de Torres, Carlos Souza (PP), informou que o tema vinha sendo abordado por ele desde as primeiras semanas do agravamento das cheias, ainda em contato com o Gabinete de Crise do governo do Estado, antes da criação da Secretaria de Reconstrução Gaúcha.

Segundo o chefe do Executivo municipal, o aeroporto apresenta condições de se adequar para atender emergencialmente à demanda de voos. “O aeroporto tem condições de operar, está funcionando e servindo de ponto para recebimento de aeronaves com donativos, mas não é equipado com todo o maquinário necessário para atender pousos e decolagens comerciais. Ele sempre teve movimento de empresários, pessoas vindas de outras re-

giões do Brasil, ações pontuais”, comentou o prefeito na ocasião.

Souza explica que o local costuma receber voos charters, de aeronaves com até 70 passageiros. No entanto, para ter viabilidade de receber voos de linhas de companhias aéreas e servir de rota alternativa ao Salgado Filho, ainda sem data de abertura definida, o terminal teria de receber investimentos para ser devidamente equipado. “É um aeroporto regional, opera há anos, a pista tem 1500 metros e tem condições, mas não para servir de base neste momento imediato”, complementou. O aeroporto regional tem gestão compartilhada entre o Estado e o município, cabendo à prefeitura fazer a limpeza e a manutenção dos serviços do local, enquanto que o executivo estadual coordena sua operação e gestão propriamente dita.

## Conta de luz terá bandeira amarela no mês de julho

### / ENERGIA

A Agência Nacional de Energia Elétrica (Aneel) informou que a conta de luz terá acréscimo de R\$ 1,88 a cada 100 kW/h consumidos no mês de julho. A cobrança adicional vai ocorrer por causa do acionamento da bandeira tarifária amarela.

Segundo a agência, a previsão de chuva abaixo de média e a expectativa de aumento do consumo de energia justificam a tarifa extra. O alerta foi publicado na sexta-feira.

“Essa é a primeira alteração na bandeira desde abril de 2022. Ao todo, foram 26 meses com bandeira verde. Com o sistema de bandeiras, o consumidor consegue fazer escolhas de consumo que contribuem para reduzir os custos de operação do sistema, reduzindo a necessidade de acionar termelétricas”, afirmou a Aneel.

## Afluência abaixo da média e La Niña aquecem preços de energia

O baixo volume de chuvas, a perspectiva de formação do fenômeno La Niña e um mercado com pouca volatilidade nos últimos dois anos têm contribuído para um salto nos preços futuros de energia elétrica no mercado livre, especialmente nos últimos meses. De acordo com especialistas, esse movimento pode se acirrar no segundo semestre.

Para se ter uma ideia, no mês passado, o cenário de volatilidade dos preços fez com que a BBCE, principal plataforma de comercialização de energia do País, registrasse “o melhor maio dos 12 anos em que está em operação”, com a negociação de 50,929 mil gigawatts-hora (GWh). Em volume financeiro, as transações registradas no período somaram R\$ 6,31 bilhões.

Os números para junho ainda não foram fechados, mas a alta registrada índices de preços levantados pela Dcide demonstram que o mercado deve continuar aquecido. No boletim mais recente, do dia 19, o preço para a energia convencional com entrega no próximo trimestre mais que dobrou quando comparado ao relatado há um mês.

Para o coordenador de estudos de mercado da consultoria Thymos Energia, Pedro Moro, o principal fator que explica este

A previsão de escassez de chuvas e as temperaturas mais altas no país aumentam os custos de operação do sistema de geração de energia das hidrelétricas. Dessa forma, é necessário acionar as usinas termelétricas, que possuem custo maior.

Criado pela Aneel em 2015, o sistema de bandeiras tarifárias sinaliza o custo real da energia gerada, possibilitando aos consumidores o bom uso da energia elétrica. O cálculo para acionamento das bandeiras tarifárias leva em conta, principalmente, dois fatores: o risco hidrológico e o preço da energia.

As bandeiras tarifárias funcionam da seguinte maneira: as cores verde, amarela ou vermelha (nos patamares 1 e 2) indicam se a energia custará mais ou menos em função das condições de geração, sendo a bandeira vermelha a que tem um custo maior, e a verde, o menor.

movimento são as chuvas abaixo da média nos últimos meses, especialmente no submercado Sudeste/Centro-Oeste, considerado a “caixa d’água” do país por concentrar a maior parte do armazenamento.

No setor elétrico, esse indicador é medido pela Energia Natural Afluente (ENA), que é o volume de água que chega aos reservatórios das hidrelétricas. “Em maio, a gente teve a segunda pior ENA do histórico. E agora, em junho, a projeção continua muito ruim. A expectativa é que seja a pior da história”, disse em relação ao subsistema e considerando a série histórica do Operador Nacional do Sistema Elétrico (ONS), que é de 94 anos.

“Esses dois meses, essa ENA negativa do jeito que foi ajudou bastante nessa impulsão dos preços”, avaliou. Ele pontua ainda que, embora não haja, até o momento, previsão de atraso do início do período úmido, fator associado à ocorrência de La Niña, a expectativa é de que a ENA siga ruim no Sudeste/Centro-Oeste até lá. Relatório recente do Itaú BBA levantou outro ponto de atenção: a pouca água retida no solo. De acordo com o documento, o solo da região Sudeste está em níveis não vistos desde 2021 para esta época do ano, ano da última crise hídrica.